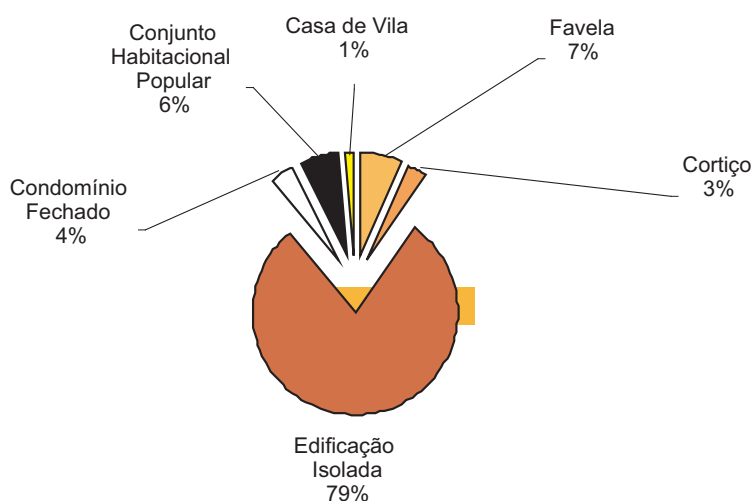


## Condições habitacionais

Uma das possibilidades para caracterizar as condições de habitação que a PCV permite adotar é a forma da ocupação urbana. Sob esse enfoque, percebe-se que as edificações isoladas são a forma adotada por 80% das famílias para suas moradias, enquanto as favelas e conjuntos habitacionais populares abrigam, respectivamente 7% e 6% das famílias paulistas. Os condomínios fechados já constituem forma relevante de ocupação urbana com moradia, superando os cortiços e as casas de vila (Gráfico 20).

**Gráfico 20**

Distribuição das famílias, segundo forma de ocupação urbana  
Estado de São Paulo  
2006



**Fonte:** Casa Civil; Fundação Seade. Pesquisa de Condições de Vida – PCV.

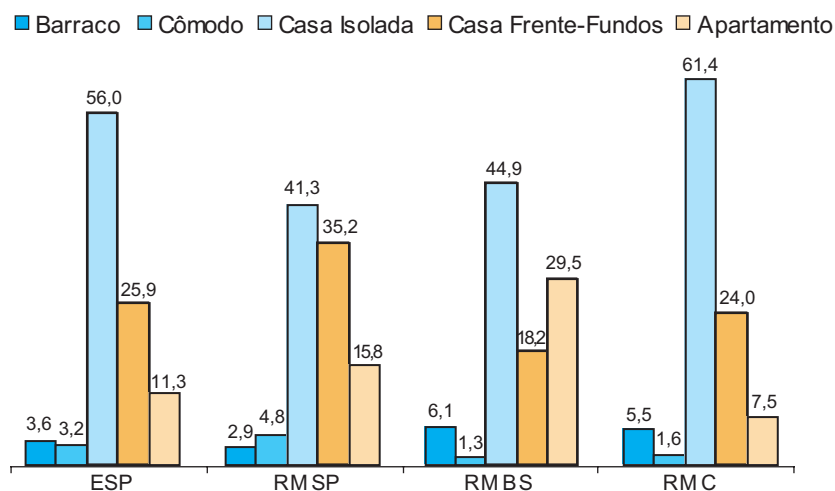
Ainda nessa perspectiva, as situações habitacionais mais críticas concentram-se nas RMs de São Paulo e da Baixada Santista, onde a proporção de famílias residentes em favelas é próxima a 11%. Na RM de Campinas esse percentual é relevante (6%), embora bem inferior ao registrado nas outras duas metrópoles. A RM de São Paulo diferencia-se também pela participação mais expressiva de famílias moradoras em cortiços (4,1%), situação bem menos freqüente nas outras regiões metropolitanas.

Nas demais regiões do Estado, a predominância de famílias em edificações isoladas é mais acentuada, variando entre 84,2%, no Aglomerado Central-Norte, e 91,5%, na Região Administrativa de Registro. Cabe destacar, ainda, a proporção de famílias residentes em conjuntos de habitação popular nos Aglomerados Central-Norte (10,2%) e Noroeste (9,9%) – as maiores do Estado.

Outra abordagem que a PCV permite adotar é a que considera o tipo de edificação. O Gráfico 21 mostra que as casas de alvenaria isoladas correspondem ao tipo de edificação residencial mais freqüente, abrigando 56% das famílias do Estado de São Paulo. Seguem-se, em importância, as casas frente-fundos (26%) e os apartamentos (11%). As situações mais críticas – barracos e casas de cômodos – abrigam, em conjunto, quase 7% das famílias residentes no Estado.

**Gráfico 21**

Distribuição das famílias, segundo tipo de edificação da moradia  
Estado de São Paulo  
2006



Fonte: Casa Civil; Fundação Seade. Pesquisa de Condições de Vida – PCV.

Nas Regiões Metropolitanas, a situação habitacional é bastante heterogênea sob essa perspectiva. Embora nas três metrópoles o tipo mais freqüente de edificação habitacional seja a casa isolada, na de Campinas, esse tipo abriga mais de 60% das famílias, enquanto nas outras duas não atinge 45%. Em contrapartida, a existência de casas frente-fundos é muito mais comum na RM de São Paulo (35%) do que na de Campinas (24%) e da Baixada Santista (18%). No caso dos apartamentos, é a RM da Baixada Santista que se destaca: quase 30% das famílias residem nesse tipo de edificação, enquanto nas RMs de São Paulo e de Campinas esse percentual corresponde a 15,8% e 7,5%, respectivamente.

A precariedade habitacional, ditada pela residência em barracos e cômodos, também diverge entre as regiões metropolitanas. Nas da Baixada Santista e de Campinas, as proporções de famílias residentes em barracos superam as que moram em cômodos. Já na Região Metropolitana de São Paulo, 4,8% das famílias ocupam moradias do tipo cômodo e 2,9% residem em barracos. A reduzida presença de barracos nessa região (2,9%), ao lado do percentual elevado de favelas, sugere a prevalência de edificações de alvenaria em favelas, resultado de processo mais antigo de constituição desse tipo de assentamento. No entanto, se isso questiona a própria validade da visão tradicional das favelas, não exclui a condição precária da moradia dessas famílias.

Nas demais regiões paulistas, cerca de nove em cada dez famílias moram em casas de alvenaria, isoladas ou frente-fundos, com predominância das primeiras. Tal situação é menos freqüente no Aglomerado Noroeste, com 73,6% de famílias residindo em casa isolada e 14,7% em casa frente-fundos. Merecem menção também a Região Administrativa de Campinas e o Aglomerado Central-Norte, pela proporção relativamente mais elevada de famílias moradoras em barracos (respectivamente 5,2% e 5,6%).